



***CONSTITUINDO SUBJETIVIDADES NO ENSINO SUPERIOR:
PROCESSOS FORMATIVOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES***

***CONSTITUYENDO SUBJETIVIDADES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR:
PROCESOS FORMATIVOS, GÉNERO Y SEXUALIDADES***

***CONSTITUTING SUBJECTIVITIES IN HIGHER EDUCATION:
FORMATIVE PROCESSES, GENDERS AND SEXUALITIES***

Apolônia de J. Ferreira Silva¹

Cibelle Cristina Lopes e Silva²

Roney Polato de Castro³

RESUMO

O artigo apresenta três movimentos de pesquisa cujo foco recai sobre experiências de gêneros e sexualidades no ensino superior, a partir de referenciais foucaultianos sobre experiência, processos de subjetivação e relações saber-poder. Em cada investigação, a questão das vivências de estudantes no ensino superior – estudantes LGBTI+, estudantes de Pedagogia e estudantes trans – se torna objeto de análise, buscando visibilizar movimentos formativos que constituem subjetividades de gênero e sexualidade. Conclui-se que experiências de gêneros e sexualidades específicas são vividas no ensino superior, considerando a universidade um espaço formativo que contribui para construir, tensionar e negociar sentidos de pertencimento, saberes prévios e relações de forças.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros. Sexualidades. Ensino Superior. Subjetivação.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Docente do Departamento de Educação I da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

RESUMEN

El artículo presenta tres movimientos de investigación cuyo enfoque se centra en las experiencias de género y sexualidad en la educación superior, a partir de referencias foucaultianas sobre la experiencia, los procesos de subjetivación y las relaciones conocimiento-poder. En cada investigación, la cuestión de las experiencias de los estudiantes en la educación superior - estudiantes LGBTI +, estudiantes de Pedagogía y estudiantes trans - se convierte en objeto de análisis, buscando visibilizar movimientos formativos que constituyen subjetividades de género y sexualidad. Se concluye que en la educación superior se viven experiencias de géneros y sexualidades específicas, considerando a la universidad como un espacio formativo que contribuye a construir, tensar y negociar significados de pertenencia, conocimientos previos y relaciones de poder.

PALABRAS-CLAVE: Géneros. Sexualidades. Educación superior. Subjetivación.

ABSTRACT

The article presents three research movements that focus on gender and sexuality experiences in higher education, from Foucauldian references about experience, subjectivation processes and knowledge-power relations. In each investigation, the question of the experiences of students in higher education - LGBTI + students, Pedagogy students and trans students - becomes an object of analysis, seeking to make visible formative movements that constitute gender and sexuality subjectivities. It is concluded that genders and sexualities specific experiences are lived in higher education, considering the university as a formative space that contributes to build, tension and negotiate senses of belonging, previous knowledge and relations of forces.

KEYWORDS: Genders. Sexualities. Higher education. Subjectivation.

* * *

Introdução

Neste artigo, reunimos distintos movimentos de pesquisa que se entrelaçam, ao problematizar questões de relações de gênero e sexualidades que atravessam o ensino superior. São movimentos que podem ser sintetizados, resguardando os devidos cuidados, em uma preocupação: os modos pelos quais os processos formativos no ensino superior constituem subjetividades. No primeiro movimento, a preocupação recai sobre as experiências de estudantes LGBTI+⁴ na Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, buscando problematizar a experiência de si constituída na composição entre saberes e experiências que antecedem a entrada na universidade e as experiências no ensino superior, entre disciplinas, projetos, eventos e a vida que pulsa no cotidiano

⁴ Referência às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, pessoas Trans (travestis, transexuais, pessoas transgêneras), Intersexo e demais identidades e expressões de gênero e sexualidade que são dissidentes das normas.

universitário. No segundo, a preocupação recai sobre as experiências de estudantes de Pedagogia em três universidades federais mineiras, buscando problematizar a formação em Pedagogia como possibilidade de as estudantes problematizarem seus saberes e experiências de gênero e sexualidade. No terceiro movimento de pesquisa, a preocupação recai sobre as subjetividades de estudantes trans⁵ na Universidade Federal do Maranhão, buscando problematizar suas experiências na relação com o ensino superior.

Para além da preocupação central que sintetiza o entrelaçamento aqui proposto, esses movimentos de pesquisa se aproximam também em função das perspectivas que os conduzem. Tomamos, primeiramente, as teorizações foucaultianas, segundo as quais os sujeitos e as subjetividades são produtos de tramas históricas e contingenciais, resultados de discursos e relações de forças. Sobretudo, essas teorizações nos possibilitam pensar esses processos como formativos, investindo esforços de análise em torno de experiências no ensino superior, de modo que as universidades são pensadas como espaços em que estão em funcionamento determinados processos de subjetivação e dessubjetivação. Por meio deles, é possível aos sujeitos se envolverem em ações sobre os outros e sobre si mesmos, a partir de saberes e práticas sociais ali experienciados. Ao empreender um trabalho histórico-filosófico acerca dos diferentes modos de subjetivação que transformam indivíduos em sujeitos, Michel Foucault (2001) nos convida a pensar nas formas pelas quais estes são interpelados a fazer uma experiência de si. Esse processo é apresentado por Larrosa (2002), inspirado em Foucault, como

resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade (p. 43).

As perspectivas foucaultianas sobre a experiência abarcam três eixos, quais sejam: o saber, o poder e as formas de subjetividade. As preocupações de Foucault (2001) recaem sobre o atravessamento desses eixos e o seu trabalho envolve tornar visíveis certas condições concretas em que os sujeitos são ‘conformados’ a existir sob determinado tipo de experiência. A experiência de si, portanto, diz dos modos como nos

⁵ Optamos, aqui, pela utilização da expressão *trans* para nos referirmos às pessoas travestis, transexuais e/ou transgêneros/as. O termo foi descrito por Benedetti (2005, p. 17), como “possibilidades de expansão das definições que se referem aos processos de transformação das identidades de gênero, compreendendo este, como gênero polivalente, ampliado e modificado”.

reconhecemos como sujeitos de uma experiência particular, histórica, constituída na trama de discursos e práticas socioculturais. Estamos tratando, nesse caso, do que Foucault (2001) menciona como modos de subjetivação, ou seja, os jogos de verdade por meio dos quais se constituem, historicamente, formas específicas de existências. No entanto, Foucault nos provoca a pensar também na transformação dessas experiências históricas, como modos de dessubjetivação ou como ‘experiências-limite’. Como discute Ortega (1999), a experiência, para Foucault, constituiria algo do qual se sai transformado, algo da ordem de uma práxis espiritual ou ascética, ou seja, transformações que o sujeito deve experimentar para alcançar outras formas de ser. ‘Experiências-limite’ porque possibilitariam ao sujeito ‘desprender-se de si mesmo’, de maneira que não seja mais o mesmo (FOUCAULT, 2009).

Entremeando modos de subjetivação e dessubjetivação, a experiência de si envolve as ações do sujeito sobre si mesmo, a partir de estratégias com as quais ele “se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina”, quer dizer, tal experiência acontece, quando o sujeito “faz determinadas coisas consigo mesmo” (LARROSA, 2002, p. 43). Ao entrelaçarmos os movimentos de pesquisa aqui mencionados, nossa preocupação se volta para as relações entre o ensino superior, os processos formativos nele experienciados e o investimento na problematização de discursividades que nos constituem, pensando as universidades e as ações formativas que elas constroem como espaços-tempos de transformação de si ou, como sugere Foucault, como modo de ‘inquieta-se consigo mesmo’ (CASTRO, 2014). Nesse sentido, nos inspiramos nas teorizações de Foucault sobre os discursos, como estratégia para lançar novos olhares sobre questões discursivamente marcadas, como os processos dinâmicos, complexos e inconclusos das experiências de gêneros e sexualidades. Tal perspectiva de análise nos conduz a olhar para o não dito e problematiza o que foi dito, constituindo-se em um processo de construção, desconstrução, criação, recriação de novas formas de ver e de pensar o mundo. É nosso objetivo destacar o papel da subjetividade, das experiências constitutivas dos processos individuais, mediante o exercício do diálogo da escuta de disposições de exterioridade social e interioridade pessoal de tempos e espaços das narrativas individuais. Reconhecemos que os sujeitos são subjetivados pelas verdades presentes nos discursos e, mais do que problematizar essas verdades, acreditamos ser possível pensar sobre as relações de poder e seus desdobramentos nos processos de constituição dos sujeitos.

Isso nos leva a outra aproximação entre movimentos de pesquisa: processos formativos que dizem das relações de gênero e sexualidades, os quais, vividos no ensino superior, constituem experiências específicas, articuladas com as dinâmicas próprias desse segmento educacional. Partindo das problematizações contemporâneas dos estudos de relações de gênero e sexualidades, operamos com gênero e sexualidade como dispositivos discursivos e não discursivos, produtores de saberes em torno de corpos, desejos e emoções, atravessados por relações de poder, que funcionam articulando sistemas de proibição, vigilância, controle e, ao mesmo tempo, sistemas de fuga, possibilidades de resistências e liberdades. Subjetivamo-nos com as relações de gênero e sexualidades, voltando-nos para nós mesmos/as e produzindo formas de existências que habitam jogos normatizados de poder e verdade, nos quais determinadas formas de vida importam, são legitimadas, são passíveis de luto, como argumenta Butler (2018), enquanto outras se tornam abjetas⁶, não sendo reconhecidas dentro dos parâmetros de inteligibilidade como vidas que importam. Sendo a precariedade da vida uma condição que marca todos os corpos, ela pode ser reduzida ou ampliada em função desses jogos. Historicamente, as sociedades ocidentais são atravessadas pela cis-heteronormatividade, dispositivo que reúne signos e convenções culturais que reiteram a coerência binária nos corpos masculinos e femininos, aparentemente estável, entre sexo, gênero e desejo. Esse sistema cis-heteronormativo acentua a condição precária das vidas de mulheres e pessoas LGBTI+, expondo-as a diferentes modos de violações (BUTLER, 2003; 2018; FOUCAULT, 1999).

Considerando os entrelaçamentos aqui apresentados entre os três movimentos de pesquisa, nosso objetivo é apresentar algumas das problematizações que vêm sendo empreendidas por cada um deles, articulando, ao final, argumentos para discutir o ensino superior praticado nas universidades como lugar de produção de experiências de si, entre saberes que compõem nossas trajetórias que chegam até ele e, como nos sugere Foucault (2001), as formas pelas quais seria possível instituir modos de pensar e agir diferentemente do que se pensa e do que se costuma agir em relação aos gêneros e sexualidades. Importa-nos olhar, portanto, para como o ensino superior pode ser problematizado enquanto instância em que são acionados certos modos de subjetivação e dessubjetivação que organizam nossas formas de ser, estar, sentir e pensar no mundo.

⁶ Vidas abjetas, para Butler (2018), são aquelas que, embora compartilhem a precariedade como característica de todas as vidas, não são dignas de proteção, são vidas destrutíveis em função de determinadas condições sociais e políticas que lhes são impostas, maximizando a precariedade.

Primeiro movimento: problematizando experiências de estudantes LGBTI+ no ensino superior

Nesta seção, procuramos discutir alguns dos movimentos de investigação empreendidos em uma pesquisa intitulada ‘Experiências de gêneros e sexualidades de estudantes no ensino superior: processos de (de)subjetivação, narrativas e experiência de si’. Utilizaremos, para isso, argumentos construídos com a pesquisa, alguns deles previamente discutidos em eventos acadêmicos, cujo objetivo era ampliar o debate e ouvir estudantes em contextos não ritualizados de pesquisa. (CASTRO; EVANGELISTA, 2019; CASTRO; TEIXEIRA; NOGUEIRA, 2019). O foco é a construção de narrativas de si por estudantes LGBTI+ de uma universidade pública federal do interior de Minas Gerais, com especial interesse nos elementos constitutivos de uma experiência no ensino superior que envolve pensar processos formativos que antecedem a chegada à universidade – experiências familiares, religiosas, escolares – e aqueles vividos a partir de elementos que seriam próprios do ensino superior, como disciplinas, eventos, atividades de extensão e iniciação científica, participação em coletivos e movimentos estudantis etc.

Com a pesquisa, intentamos pensar em vivências que atravessam a constituição de subjetividades vinculadas às experiências das sexualidades e de gêneros, tais como aquelas relacionadas à construção de sentidos sobre ser LGBTI+. Essas proposições disparadoras do processo investigativo partem da interação com estudantes no cotidiano da universidade, em diferentes âmbitos e atividades vividas nesse contexto⁷. Portanto, o motivo principal que nos leva a realizar a referida pesquisa é a necessidade de uma investigação mais qualificada sobre as experiências vividas por estudantes no contexto do ensino superior em relação à constituição de suas expressões e identidades de gênero e sexualidade, a fim de produzir questionamentos sobre os modos como os currículos e as dinâmicas institucionais atravessam essas experiências (CASTRO; EVANGELISTA, 2019).

A pesquisa foi composta por uma metodologia que buscou criar contextos de construção narrativa pelos sujeitos, centrando-se em duas estratégias. Primeiro, foi elaborado e divulgado, em redes sociais, um questionário *on-line*, que foi respondido, na primeira rodada, por oitenta e dois estudantes da universidade autoidentificados/as

⁷ A interação com estudantes LGBTI+, de onde partem as proposições disparadoras da pesquisa, ocorrem em atividades diversas, como aulas, eventos acadêmicos, projetos de pesquisa e extensão, reuniões com coletivos e representação discente etc.

como LGBTI+, e na segunda rodada, por oitenta quatro estudantes. As questões serviram para traçarmos um perfil inicial de possíveis participantes das próximas etapas da pesquisa e para pensarmos naquilo que afeta as experiências no ensino superior e que ainda não tinha sido considerado por nós. Segundo, foi realizada uma primeira rodada de grupos focais, com um mesmo grupo de sete estudantes, em que foram discutidas questões relacionadas ao objetivo da pesquisa, tais como sentidos de pertencimento às identidades que compõem a sigla LGBTI+, experiências familiares e escolares, sentidos de ‘liberdade’ e ‘segurança’ para ser LGBTI+ na universidade, entre outros, buscando ouvir os/as participantes nas suas experiências e saberes. Importante mencionar que o contexto de pandemia pelo COVID-19 afetou sobremaneira essa metodologia proposta, inviabilizando a realização de novas rodadas de grupos focais, tendo em vista, especialmente, a dificuldade de reunir estudantes em situações diversas quanto ao acesso a equipamentos e redes de internet.

Como mencionamos, em nossas ações na universidade, no ensino, na pesquisa e na extensão, temos encontrado estudantes que nos narram experiências sobre modos particulares de ser e estar na instituição, enquanto sujeitos dissidentes da cis-heteronormatividade, o que parece se distinguir de experiências vividas em outras etapas do processo educativo escolarizado. Há perspectivas de continuidade de algumas dessas experiências, visibilizando uma universidade que se organiza sob perspectivas normativas, as quais silenciam saberes e experiências LGBTI+. Ao mesmo tempo, estar no ensino superior parece ser a oportunidade de olhar para essas experiências vividas, tanto no presente como no passado, de outros modos. São acionados, por exemplo, certos sentidos de liberdade e autonomia a partir de experiências com os gêneros e sexualidades que viriam ao encontro de uma afirmação ou de uma segurança em poder afirmar-se como sujeito não-heterossexual e/ou não-cisgênero. (CASTRO; EVANGELISTA, 2019).

A proposta era, além de conhecer essas experiências vividas na universidade, tomá-las como ferramentas para problematizar o ensino superior. Portanto, não se tratava de ‘catalogá-las,’ tampouco interpretá-las. Mas, sim, tomá-las como mote para pensar processos instituídos na universidade e como eles atravessam os modos como esses/as estudantes veem a si mesmos/as e as outras pessoas, estabelecendo relações e se produzindo com elas. Para este artigo, selecionamos dois aspectos que dizem desses processos. O primeiro é a construção de pertencimentos identitários, envolvendo processos de hibridização e fluidez das posições de sujeito vinculadas aos gêneros e

sexualidades. Aqui tomaremos os argumentos de Leandro Colling (2013), para pensar que as políticas de representação expressas na sigla LGBTI+ podem ser consideradas políticas de *igualdade* e de *afirmação*, as quais ‘flertariam’ com os binários de gênero e sexualidade, ao não investir na problematização da norma (contribuindo para manter a ideia de coerência da cis-heterossexualidade). Essa política se pauta, especialmente, na conquista de marcos legais e de respeito e tolerância à diversidade. Porém, Colling (2013) também nos conduz a pensar nas *políticas da diferença*, aquelas que problematizam os binários e as perspectivas essencialistas que os naturalizam, entendendo que as identidades são fluidas e que são criadas e recriadas permanentemente. Isso desafiaria uma política de representatividade baseada em grupos homogêneos.

Durante a realização da pesquisa, os/as estudantes presentes no grupo focal se identificaram como pertencentes, basicamente, a três categorias identitárias: pessoa cis lésbica, pessoa cis gay e pessoa cis bissexual. Os processos de construção dessas identidades sexuais e de gênero, que se dão de maneira aparentemente automática e nos acompanham desde o nascimento, se constituem a partir de enquadramentos sociais, com os quais nossos corpos passam a expressar determinadas marcas que nos se distinguem, inserindo-nos nos jogos subjetivos das diferenças e das desigualdades. Portanto, é preciso pensá-las como produtos das relações sociais, envolvendo linguagens e representações plurais (CASTRO; TEIXEIRA; NOGUEIRA, 2019). Uma das participantes da pesquisa nos apresentou elementos para problematizar os sentidos de pertencimento que se pretendem fixos e homogêneos:

Foi quando eu cheguei na universidade que eu consegui compreender, assim, efetivamente, que eu bati o martelo do que eu era, era uma dúvida se eu era bissexual ou se eu era lésbica. (...) Apesar do meu primeiro beijo ter sido com homem e de eu ter me relacionado com homens antes de me relacionar com uma mulher, isso não significa necessariamente que eu era bissexual, mas eu já tinha tido essa experiência. Até porque eu me sentia muito mal quando ficava com um menino, eu sentia um peso enorme nos ombros. A primeira vez que eu fiquei com um menino, a primeira vez que eu beijei, eu achei horrível. Eu cheguei em casa, comecei a chorar e me sentir suja, era horrível, eu sentia o mundo mesmo aqui, um peso enorme. Aí eu fiquei chorando o resto da noite inteira. Então, acho que foi pela universidade mesmo, eu já namorava minha namorada

*acho que há dois anos, que eu fui me entender como lésbica. (G., Lésbica – grifos nossos)*⁸.

Tomando a perspectiva foucaultiana, os sujeitos são produto de relações históricas que instituem modos de subjetivação a certas experiências aparentemente homogêneas, a partir das quais deveríamos nos moldar. Porém, tomando a fala de G., estudante que hoje se apresenta como pessoa cis lésbica, analisamos que não se trata de um processo de representação linear e automático, ao contrário, os processos de subjetivação e dessubjetivação são dinâmicos, complexos, dando-se por continuidades e rupturas. A instabilidade do processo nos conduz a pensar que o ensino superior e a universidade são elementos cujo atravessamento institui conflitos e negociações, em que os sujeitos são marcados por relações com o mundo, com os outros e consigo mesmos. Nesse caso, a universidade figura como um contexto, aparentemente, de menos normatividade. Podemos pensar que, ao invés de menos restrições ou maior liberdade, o ensino superior dispõe de mecanismos mais refinados e específicos de normatização, o que, na relação com experiências do vivido que o antecedem (na escola, na família), pode sugerir uma espécie de ‘libertação’. A universidade seria, assim, um espaço de produção de novas experiências. Há que se pensar, no entanto, que a experiência de si se produz num jogo que entrelaça saberes, relações de forças e os modos como nos voltamos para nós mesmos/as. Portanto, a aparente ‘definição’ e ‘fixação’ de uma identidade permanece como processo a ser negociado, contando, agora, com novos elementos que as vivências na universidade incorporam.

Buscamos, assim, nos situar no debate que aposta na insuficiência da ‘afirmação das identidades’, incorporando a ela estratégias de subversão, de ‘trânsito’ e movimentação, tais como praticadas na vida cotidiana (COLLING, 2013). Desse modo, tal estratégia nos possibilita problematizar os ‘atravessamentos identitários’ e a produção da diferença sendo colocadas em ação através de inúmeros dispositivos que poderíamos chamar de formativos, constituídos em processos de subjetivação e dessubjetivação.

Dando continuidade às análises que visam pensar os processos que, no ensino superior, constituem certos modos de os/as estudantes LGBTI+ estabelecerem relações consigo mesmos/as e com os outros e se produzirem com elas, destacamos o segundo aspecto selecionado para o artigo, qual seja, as experiências de preconceito,

⁸ A referência entre parênteses remete-se à abreviação dos nomes das/os participantes da pesquisa, garantindo seu anonimato.

discriminação e violência vividas no ensino superior. As respostas ao questionário da pesquisa nos trazem alguns indicativos que consideramos relevantes para essa análise. É importante destacar que foram aplicados dois questionários, um no ano de 2019 e outro no ano de 2020, obtendo 82 (oitenta e duas) e 87 (oitenta e sete) respostas, respectivamente. Constatamos que a maioria das pessoas respondentes se apresentou como homem ou mulher cisgênero, gay ou bissexual, branco/a e vinculada/a a cursos da área de humanas e sociais aplicadas. Uma parte do questionário tratava especificamente de possíveis experiências de discriminação e violência vividas na universidade e motivadas por atravessamentos de gênero e sexualidade. Assim, 50% das pessoas que responderam ao primeiro questionário já presenciaram, na universidade, situações desse tipo, sendo que apenas 11% afirmaram ter sido alvo de discriminações ou violências por serem LGBTI+. Em relação ao segundo questionário, 44% já presenciaram tais ações, sendo que 24% afirmaram ter sido alvo delas. Das violências vividas, foram citadas situações envolvendo diferentes agentes e espaços da universidade:

Sobretudo silenciamentos, deslegitimação da pesquisa e assédios, principalmente em momentos com outra companhia em que nos fetichizavam e deslegitimavam nossa lesbianidade.

Já fui ameaçada de ir na faculdade durante uma semana por gostar de usar roupas de estilo mais masculino e por ter cortado o cabelo de uma forma 'masculina' como dizem.

Calourada da minha turma, estava com parceiro num camarote e alunos de outra turma jogaram pedras de gelo em nós, sem se identificar, até sairmos do local onde estávamos.

Olhares e comentários quando ando de mãos dadas com a minha namorada.

Pessoas do meio LGBT+ dizendo que ser bissexual é estar em cima do muro, e que bissexual não precisa de tanta visibilidade no meio LGBT+ por não saberem o que homossexuais e trans realmente sofrem.

Professor de física explicando que as cargas de polos opostos se atraem (hetero) e cargas iguais se afastam (homo).

Professores ridicularizando vivências lgbt, fazendo comentários lgbtfobicos e instigando os alunos a interpretar como livre expressão e/ou piadas.

Ataque a um mural destinado ao mês do orgulho LGBTQI+ (Retirada de fotos de personalidades importantes na luta pelos direitos e vivência LGBTQI+).

Um calouro homem trans não teve seu nome social respeitado, tanto discente e docente utilizaram de forma discriminatória o nome de origem e pronomes que o indivíduo violentado não utiliza e não se reconhece mais.

Um professor se recusou a aceitar na prova o nome social de um aluno trans, riscando o nome dele e colocando o nome de nascimento. Além disso, há muitxs alunxs que são preconceituosos e discriminam alunxs que são lgbti+.

Esses e outros relatos presentes nos questionários nos conduzem a pensar que o contexto universitário investe na continuidade e na atualização de discriminações e violências do âmbito social e de outras instituições, como a escola e a família, dando continuidade a processos vividos e produzindo relações de exclusão específicas nesse ambiente (CASTRO; EVANGELISTA, 2019). Estudos como os de Amaral (2013), Nardi et al (2013) e Silva (2017) apontam para a universidade como espaço onde, mais do que apenas reproduzidas, as desigualdades e as hierarquias se atualizam e se naturalizam, com vistas a estabilizar as lógicas que lhes dão sustentação e a contribuir para a inferiorização e hostilização de pessoas LGBTI+. Considerando a lógica cis-heteronormativa que organiza as instituições, bem como os mecanismos de intensificação da precarização e abjeção das vidas dessas pessoas (BUTLER, 2018), tais dinâmicas de poder operam tanto na manutenção de violências explícitas, por meio da linguagem (insultos, palavras pejorativas, piadas) e da violência física, quanto de violências que envolvem a negação de direitos (como o uso do nome social) e o silenciamento epistêmico dos saberes e experiências de pessoas LGBTI+, ou seja, a negação de modos não cis-heteronormativos de existir, ser, pensar, produzir conhecimento. Assim, a universidade omite-se no debate acadêmico acerca das narrativas dessas pessoas (ALVES, 2019⁹), produzindo nos/as estudantes relações precárias de identificação e violências simbólicas de suas experiências, as quais são deslegitimadas e inferiorizadas. A democratização da universidade exigiria, portanto, uma análise fundamentada e crítica das dinâmicas que instituem as normas e os valores que funcionam em seu interior e como elas afetam os sujeitos (CASTRO; EVANGELISTA, 2019).

Os relatos produzidos com os questionários e grupos focais indicam que, embora se sintam mais ‘seguros/as’ no interior do *campus* universitário, os/as estudantes

⁹ A autora em questão faz menção a epistemicídio de outros grupos sociais, sendo aqui realizada uma apropriação da ideia para pensar saberes e experiências de pessoas LGBTI+ na universidade.

LGBTI+ não estão livres de situações envolvendo constrangimentos e violências. Isso nos remete, por exemplo, à importância de disciplinas que tratem de questões relacionadas aos gêneros e sexualidades, nas quais se possa produzir uma discussão qualificada com os/as estudantes sobre a problematização das desigualdades associadas ao sentido político de diversidade e o investimento epistêmico na pluralidade de sujeitos e experiências de gêneros e sexualidades. Com isso, seria possível criar um ambiente menos excludente e violento, evitando a intimidação desses/as estudantes, que, por conta desse tipo de violências, podem evadir da universidade ou serem acometidos/as por adoecimentos psíquicos.

Segundo movimento: problematizando os movimentos de formação para as relações de gênero e sexualidades no curso de Licenciatura em Pedagogia

Nesta segunda seção, buscamos apresentar o que vem sendo produzido em uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora e intitulada “Os movimentos de formação para as relações de gênero e sexualidades no curso de Licenciatura em Pedagogia”.

O trabalho tem como objetivo pensar os movimentos de formação para a problematização das relações de gênero e das sexualidades, presentes nos cursos de Licenciatura em Pedagogia de três Instituições Federais de Ensino Superior mineiras, sendo elas: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A investigação tem como interesse pensar de que modos a formação no curso de Licenciatura em Pedagogia pode possibilitar às estudantes a problematização dos saberes que as constituem, pautada em seu olhar sobre o mundo, sobre as coisas e sobre si mesmas. Trata-se de uma formação marcada, em grande parte das vezes, pela cis-heteronormatividade. Com isso, apostamos em um trabalho que possibilite um relato de si para nós, para os outros, para as estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Partindo do entendimento de que, para compor uma pesquisa, faz-se necessário articular os seus procedimentos metodológicos, o trabalho está organizado em cinco passos: (1) a realização de um levantamento bibliográfico, o qual vem possibilitando traçar caminhos para o andamento da investigação, bem como para uma maior aproximação com pesquisas que dialogam com a temática estudada; (2) produção de um diário de campo, como um dispositivo potente de registro, que serve “para expandir

entendimentos sobre os lugares das pesquisas, quem eram/são os sujeitos e de que forma eles/elas vivenciam seus dilemas [...] e/ou realizações” (KLEIN; DAMICO, 2014, p. 78); (3) realização de entrevistas narrativas com coordenadores/as dos cursos de Licenciatura em Pedagogia das instituições participantes, pautadas em uma perspectiva de que as falas proferidas não são dados definidos ou acabados, mas documentos produzidos a partir de um panorama cultural (ANDRADE, 2014); (4) análise documental, com foco em documentos oficiais, tais como matrizes curriculares, ementas e programas dos cursos e de disciplinas, a fim de nos auxiliar na problematização dos movimentos de formação para as relações de gênero e as sexualidades nos cursos de Licenciatura em Pedagogia; (5) a realização de rodas de conversa com as estudantes dos cursos de Pedagogia, as quais têm nos auxiliado a ouvir e a pensar junto delas. “A conversa como metodologia [...] vem sendo utilizada por alguns grupos que buscam [...] criar um lugar de encontro onde os sujeitos possam reinventar a si e as suas realidades através da palavra compartilhada” (SERPA, 2010, p. 26). Nesse sentido, atentar para que “as vozes dos sujeitos sejam respeitadas” se refere à possibilidade de legitimar os entendimentos dos outros, os quais dizem respeito às suas experiências, às suas vivências, que dizem de si e das relações sociais que as cercam, assim como dos seus processos formativos, reconhecendo a relevância do momento de encontro entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa, produção de saberes, poderes, subjetividades, verdades.

Diante do cenário emergencial em que nos encontramos no que se refere à pandemia do COVID 19, foram necessários alguns ajustes na proposta das rodas de conversa, optando, momentaneamente, pela realização de uma roda de conversa *on-line*, ocorrida de maneira síncrona (FLICK, 2009), ou seja, em tempo real. A alternativa encontrada trouxe alguns obstáculos, dificultando uma maior e melhor problematização acerca das questões propostas. Das treze estudantes conectadas na sala no momento destinado para essa roda de conversa *on-line*, apenas cinco contribuíram com a discussão. As demais optaram por se manter em silêncio ao longo de todo o encontro.

Considerando que esta seção se refere a um movimento de pesquisa que se encontra em andamento, até o momento, foi possível notar, por meio das falas das estudantes, que nem sempre a discussão que rodeia as relações de gênero e as sexualidades se encontram presentes no curso de Licenciatura em Pedagogia, tampouco essas estudantes o consideram um curso problematizador acerca de tais questões.

Eu acho que não tem discussão (sobre as relações de gênero e sexualidades no curso) nenhuma [...], entrei aqui em 2017 e até hoje [...] não houve nenhuma discussão, nunca apareceu nada.

Eu acho que, se não estiver na grade, eles não falam.

Nos cursos de Humanas, se a gente comparar outros cursos [...], a problematização [...] desse assunto é muito maior do que a gente (na Pedagogia); então a nossa abordagem fica muito fraca, [...] é só pra dizer que falou.

Consideramos pertinente destacar o não reconhecimento, pelas estudantes, de espaços ‘próprios’, legitimados, de discussão das questões que envolvem as relações de gênero e sexualidades no curso de Pedagogia. A formação se constitui entre relações de forças que movimentam saberes considerados relevantes e outros que não mereceriam atenção, sendo àqueles ligados às questões aqui discutidas geralmente silenciados (CASTRO, 2014). Assim, colocamos sob suspeita tais processos formativos, os quais se organizam a partir das normas que naturalizam as relações de gênero e sexualidade como experiências pouco relevantes pensar os fenômenos educacionais e sociais. A questão central que se coloca para nós não é tanto a obrigatoriedade ou não de que existam disciplinas específicas para discutir tais experiências, mas sim pensar que se as relações de gênero e sexualidades são organizadoras do social, balizadoras de relações de saber-poder, dos modos como agimos sobre nós mesmos/as e sobre os/as outros/as, que impactos esse silenciamento poderia produzir sobre as estudantes de Pedagogia, considerando sua atuação nas escolas de Educação Básica? Mais do que isso, tal silenciamento poderia indicar que o curso de Pedagogia não estaria tomando para si a tarefa de problematizar os saberes prévios das estudantes, os quais constituem seus olhares e seus modos de pensar as relações sociais, as diferenças e as práticas pedagógicas escolares.

A negativa apresentada por algumas das participantes tem nos ajudado a perceber uma aproximação entre os saberes que rodeiam a formação atrelada à presença ou à ausência de disciplinas que discutam questões concernentes às relações de gênero e sexualidades no ambiente educacional. Apostamos no argumento de que os processos formativos das estudantes não se restringem à matriz curricular do curso, às disciplinas cursadas, mas se amplia e engloba tudo o que a universidade pode possibilitar, todas as pedagogias que ensinam, cotidianamente, a ser quem somos e nos entendermos como pertencentes a determinadas posições de sujeito. Tais pedagogias, além das disciplinas, estão em pleno exercício nas conversas de corredores, nas interações na cantina das

faculdades, nos encontros experienciados nos diretórios e centros acadêmicos, nos aprendizados construídos em grupos de estudos e pesquisa, em ações de extensão, na participação em coletivos, entre outros. Com isso também investimos na problematização da racionalidade que tomaria a formação como buscando um ‘estado final’, como enfatizado por Jorge Larrosa (2006), fixo e direcional, o que emerge nas falas das estudantes com sentido de verdade, ou seja, se não há tal discussão em disciplinas do curso de Pedagogia, então não me encontro ‘formada’, não me encontro ‘preparada’ ou ‘habilitada’ para me posicionar diante das questões que envolvem as relações de gênero e sexualidades. Aqui, o processo formativo aparece limitado por um lugar: a sala de aula; a um momento: por meio das disciplinas; a um tempo específico: no período da graduação; e autorizado por uma voz: a do/a professor/a.

Assim, a produção da pesquisa em andamento está pautada na tentativa de desconstruir entendimentos como os citados acima e construir novos olhares, problematizando os discursos que circulam pelos cursos, as verdades que os legitimam e as relações de poder que os fazem funcionar como elementos de subjetivação. Pensar, desse modo, em cursos de Pedagogia que colocam sob suspeita os modos como pensamos e agimos, que apostam em movimentos de dessubjetivação. O que estamos nomeando como ‘cursos problematizadores’, seriam aqueles que investem nesses movimentos de formação, que tomam os processos constitutivos e os saberes prévios à chegada no ensino superior como objeto de pensamento, como possibilidade de fazer pensar e agir diferentemente do que se pensa e do que se age, como nos propõe Foucault (2001).

Terceiro movimento: problematizando as vivências de estudantes trans no ensino superior

Esta seção traz discussões de um movimento de uma pesquisa de doutorado, ainda em andamento, intitulada: “‘Professora, o que eu sou?’”: o efeito universidade nas vivências de estudantes trans da Universidade Federal do Maranhão”. O eixo central consiste em problematizar as vivências de estudantes trans vinculados/as à Universidade Federal do Maranhão, mais especificamente ao campus de São Luís, que nele estão matriculados/as ou que por ele já tivessem passado. A pesquisa foi gestada a partir da experiência docente da doutoranda, que é também professora nessa universidade, com base em narrativas de pessoas trans que cursavam as disciplinas Didática I e II, ministradas por ela. Nessas disciplinas, a professora promovia espaços para a discussão

das relações de gênero e sexualidades. As problematizações em torno da temática foram gerando inquietações que deram origem ao questionamento central da pesquisa.

Em decorrência das discussões ocorridas dentro da sala de aula, alguns/algumas estudantes, por meio de conversas informais, fora da sala de aula, abordavam a professora, muitas vezes problematizando experiências individuais no que se referia ao movimento de construção das identidades de gênero e das sexualidades. Os relatos eram diversos e a universidade se constituía, naqueles momentos, como espaço de escuta de histórias de vida, de desabafos, de questionamentos. A professora, inquieta, sentia que aqueles/as estudantes estavam em busca de lugares em que pudessem falar de si, sem que houvesse olhares de reprovação. Aquelas pessoas pareciam buscar espaços de acolhimento, proporcionados pela escuta da professora, mesmo que, hierarquicamente, ela ocupasse um lugar de poder ou de autoridade pedagógica. A universidade parecia se configurar enquanto campo de possibilidades de deslocamentos de si, de saberes, de experiências, de acionamento de processos de subjetivação e dessubjetivação. É como se ela possibilitasse um espaço de formação para além do conhecimento científico, como se ela oferecesse possibilidades múltiplas de pensamento e produção de conhecimento, capazes de movimentar modos de constituição de sujeitos.

O que de fato mobilizou a professora na escrita de um projeto de doutorado, pensando as vivências trans de discentes daquela universidade, foi o questionamento de uma estudante, até aquele momento, entendendo-se e autodefinindo-se como mulher cisgênera-lésbica, questionando, porém, essas identidades. Em uma daquelas conversas pelos corredores da universidade, ela chegou a perguntar: “Professora, o que eu sou?” Certamente, a professora não tinha respostas para aquela pergunta, vez que ela considerava impossível reduzir uma pessoa a um conceito ou enquadrá-la em uma determinada identidade. O fato de a estudante questioná-la sobre uma possível definição de si destacava o lugar da professora como alguém que, possivelmente, teria resposta para todas as coisas ou que, pelo menos, teria uma resposta para algo que estaria sendo discutido naquele momento, à luz de um campo científico de conhecimento. Todavia, a professora pensava se questionamentos como esse não levariam a problematizações que poderiam ampliar os espaços de discussão, criando possibilidades de se pensar as questões de gênero e sexualidades.

A potência desse momento e dos outros levou à escrita do projeto de doutorado, pensando as vivências trans na universidade, aqui entendida como um espaço privilegiado de produção de conhecimento e que, cada dia mais, vem se deparando com

um público caracterizado por diferenças sociais, políticas, ideológicas e com condições de vida e interesses educacionais bastante distintos. Quais seriam as vivências trans possíveis nesse espaço de formação? Considerando a universidade como um campo de possibilidades, como ela atravessaria esses sujeitos? O que estaria presente no processo de construção de conhecimento, que parecia encorajar corpos e vozes capazes de movimentar um processo de transição de identidades? O que significava ser uma pessoa trans na Universidade Federal do Maranhão?

O percurso metodológico vem buscando problematizar, através de entrevistas narrativas, os processos de construção das identidades de gênero, passando pela família e pela escola, mas tendo como foco central as vivências no interior da universidade. Trabalhar com entrevistas narrativas significa abrir caminhos para construir um processo de escuta sensível, por meio do qual pode se pensar todo um sistema simbólico de ouvir o outro e ver as coisas do ponto de vista do outro. Estabelece-se uma relação o mais estreita possível entre o que está sendo ouvido e as questões que permeiam o campo definido da pesquisa. Desse modo, a escuta dos/as interlocutores/as não objetiva gerar dados para checagem de uma problemática preestabelecida ou uma instância verificadora, mas, sim, o ponto de partida da investigação.

É importante destacar que o processo de análise dos atos de fala, presentes nas narrativas das pessoas trans que aceitaram participar da pesquisa, está sendo pensado com base na análise do discurso de inspiração foucaultiana. No nosso entendimento, esse processo consiste em operar o que emerge nos discursos, atentando-nos ao que foi dito, estabelecendo relações com os espaços, com os tempos, com os procedimentos de exclusão, de interdição e, ainda, de controle externos e internos dos discursos (FOUCAULT, 2008). Estamos pensando nas possibilidades de problematizar como as relações de saber e poder atravessam as experiências de pessoas trans, no interior da universidade, a partir do que elas vão nos dizer, e não do que acreditamos que as tenham atravessado. Buscamos pensar como foi esse momento desde a entrada na universidade e como essa dinâmica de saber e poder estiveram presentes em suas trajetórias.

Um dos passos da pesquisa foi a realização de uma revisão bibliográfica que apontou caminhos de leitura sensível que trouxeram possibilidades de aproximação com o que outros/as pesquisadores/as vêm produzindo. Além de levantar pistas de investigação que se aproximam e/ou se distanciam do nosso objeto, esse primeiro exercício contribuiu para um momento de grande problematização pessoal da pesquisadora: o lugar onde ela se reconhece e se situa frente às questões levantadas, a

(re)educação do olhar diante do campo científico das discussões de gênero e sexualidades.

Não poderíamos avançar sem antes destacar a potência de produções escritas por pessoas trans, no campo da Educação, como forma, inclusive, de visibilizar e destacar as possibilidades de reinvenção de trajetórias e vivências trans. Assim, decidimos incorporar esses trabalhos na produção da pesquisa. São produções escritas por mulheres trans que superaram as barreiras do preconceito, das violências, da negação e até da própria existência para chegar à pós-graduação e se tornarem professoras. Dialogamos com esses trabalhos como forma de potencializar a construção de narrativas possíveis, que vêm ganhando novas cores, vozes, lugares, não somente na academia, mas nos múltiplos espaços sociais. São vozes possíveis que vêm construindo um cenário que marca um momento histórico e político de resistência e enfrentamento de uma onda conservadora, legitimada por um discurso religioso que não apenas teima em calar essas vozes, mas que fere essas existências. O acesso e a permanência dessas pessoas no ensino superior, a chegada à pós-graduação e o retorno como docentes registram um quadro que confronta diretamente esses discursos e contribui para a criação de uma identidade coletiva que destaca possibilidades de um universo, outrora difícil até de se sonhar (ANDRADE, 2012; REIDEL, 2013; NASCIMENTO, 2014; OLIVEIRA, 2017).

Considerando o contexto brasileiro que nos obrigou ao recolhimento em isolamento social devido à pandemia pelo COVID-19, as entrevistas narrativas, propostas até então, para serem realizadas em modo presencial, foram redimensionadas para o modo *on-line*. Realizamos uma entrevista com uma interlocutora da pesquisa, que se autodefine como travesti negra. Ela é pedagoga pela Universidade Federal do Maranhão, mestre e doutoranda pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa caminha e estamos na fase de transcrição da entrevista, que certamente irá compor as análises presentes no texto do primeiro exame de qualificação. No entanto, esse movimento de transcrição já nos indica os primeiros possíveis diálogos.

Esse primeiro movimento empírico foi composto por uma entrevista *on-line* em que estiveram presentes a pesquisadora, o orientador do doutorado e a interlocutora. Iniciamos a entrevista com a apresentação do orientador à interlocutora, em seguida, a pesquisadora ressaltou os pontos do trabalho e passou a fala à interlocutora. É importante mencionar que ela não solicitou que sua identidade fosse mantida em sigilo, autorizando-nos a identificá-la por seu nome social: Catarina. No primeiro momento, solicitamos que Catarina se apresentasse, ressaltando algumas características que

considerava importantes em uma apresentação. Ela iniciou destacando seu nome, a naturalidade maranhense e a trajetória escolar da educação básica, cursada, em sua maioria, na rede privada. Seguiu citando a formação no ensino superior, destacando o lugar da Pedagogia como possibilidade de se debruçar sobre os estudos de gênero e sexualidades. Em sua monografia, Catarina discutiu a trajetória de mulheres trans no ensino superior, mais especificamente na Universidade Federal do Maranhão. Em seu trabalho como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência – PIBID, houve possibilidades de pensar as discussões na escola. Vale a pena lembrar que, embora não tenhamos, ainda, concluído o trabalho com a transcrição da entrevista, alguns trechos já trouxeram possíveis problematizações iniciais. O primeiro deles foi quando Catarina se autodefiniu como travesti:

*... sou Pedagoga pela Universidade Federal do Maranhão, né? Lá que eu comecei a estudar as questões de gênero e sexualidades com mais afinco, por conta do PIBID e por conta também da minha vida né? **Da minha vida como mulher trans, na verdade como uma travesti, né?** Como hoje eu venho me identificando, como posicionamento político né? **Que é se descolar dessa higienização, desse gênero, dessas questões de gênero e de um padrão cishnormativo...** (CATARINA, travesti, 2020, grifos nossos).*

Antes de discutirmos o processo de reconhecimento identitário de Catarina, analisamos ser importante considerar o modo como estamos pensando esse movimento. Sabemos que há muitos elementos que constituem as identidades. Aqui estamos considerando um contexto de construção de identidades definidas historicamente, afastando-nos do determinismo biológico. Acreditamos que a fixidez, a essência e a permanência de uma identidade única são um processo fluido, flexível, (des)construído continuamente em consonância com formas de representação ou interpelação nos meios culturais que nos rodeiam. As identidades podem variar em meio a diferentes contextos, em algumas vezes até contraditórios, seguindo em diferentes direções, representando um percurso de identificações que se descolam diante da multiplicidade dos sistemas de significação e representação cultural (HALL, 2006).

Ao considerarmos o processo de construção da identidade de gênero de Catarina, em que categorias como classe social, gênero, raça, etnia, geração e territorialidade apresentam-se como possibilidades de constituição de um processo em movimento, poderíamos pensar em um que tende a fixar e em outro que, ao contrário, tende a

subverter e a desestabilizar? Catarina é fruto de um lar onde a mãe sempre foi a principal responsável pelo sustento da família. Em relação à infância, ela relata que já apresentava alguns traços de feminilidade, talvez não observados pela mãe em razão de estar ocupada com o sustento da família. A escola sempre foi muito marcante, a mãe investia sistematicamente em seu processo de escolarização, havia grande preocupação com que Catarina se dedicasse aos estudos, desde a mais tenra idade. Foi na juventude que as expressões de gênero começaram a divergir do que era esperado pela família: a construção de um corpo masculino e, mais que isso, um corpo masculino enquadrado nos moldes do que Butler (2003) intitula como gêneros inteligíveis, ou seja, um gênero masculino que, em dado sentido, institui e mantém relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática social e desejo, resultando em um conjunto de regras organizadas obedecendo a um padrão cis-heteronormativo. O movimento de fixação da identidade masculina, esperada pela família, parecia se distanciar. Catarina relata momentos em que a família e ela mesma se recolheram, deixando claro que o seu corpo era também responsável por seu lugar social em sua família. Seriam os primeiros movimentos de subversão e desestabilidade da identidade de gênero?

Catarina relaciona a juventude ao momento de conclusão do ensino médio e ingresso na universidade. Nessa fase, a família já tinha clareza de que ela não atenderia às expectativas cis-heteronormativas e binárias, vez que já havia se assumido como uma garota trans. A mãe não conversava muito sobre essas questões. A grande preocupação era com o processo de transição e seus impactos na vida escolar de Catarina. Isso porque a mãe tinha receio de que esse processo se tornasse o foco da vida dela, deixando a vida escolar em segundo plano. Não demorou muito para que Catarina chegasse ao ensino superior: seis meses após a conclusão do ensino médio. Ela já se reconhecia e se apresentava como mulher transgênera. Embora ainda houvesse hostilidades e movimentos transfóbicos, na universidade, Catarina sentia-se mais à vontade para se vestir como desejava e contava com o apoio de alguns professores de colegas de turma e da coordenação do curso. Que determinantes e variáveis atuavam nesse espaço universitário que o tornara menos hostil do que a escola da educação básica, por exemplo? Que formas de expressão foram possíveis para a transgressão da normalização binária homem/mulher? Qual era o lugar social de Catarina, mulher transgênera, no interior da universidade? O que sua presença e as marcas do seu corpo mobilizavam nesse espaço? O que poderia ter impulsionado a continuidade dos estudos, possibilitando à chegada ao doutorado? Por que, hoje, ela destaca sua identidade como

travesti? Que discurso político identitário ela aciona e qual sua relação com o processo de construção de sua identidade? Estaria a universidade presente nesse movimento? Quando ela traz a travesti como autodefinição e diz do distanciamento dos estigmas e estereótipos higienistas que desqualificam o lugar social dessa identidade, ela parece enfrentar e resistir à imposição identitária binária (homem trans/mulher/trans), que, embora subverta a ordem da congruência entre identidade biológica e social, ainda remete a um padrão binário, ainda expressa fortes relações de poder. Que processos educativos, cuidados de si, experiências vividas, modos de vida lhe foram possíveis para se chegar à afirmação de uma identidade travesti? A universidade e os estudos sobre gênero e sexualidades teriam presença marcante no processo? A vivência trans no ensino superior é impactante nesse processo?

Encerramos aqui as primeiras problematizações decorrentes dos nossos diálogos entre a perspectiva teórica em que nos enveredamos e os atos de fala da interlocutora como um primeiro exercício capaz de nos mobilizar e nos movimentar na pesquisa, de modo também a nos atravessar para além do exercício de pesquisador, atravessando-nos enquanto sujeitos e colocando em xeque a nossa posição no mundo. A escrita deste texto leva-nos a possibilidades de (re)construção de diálogos e a novos modos de constituição de nós mesmos, do nosso lugar de denúncia e de combate à rigidez binária das identidades, marcadas em corpos masculinos e femininos, altamente contestável nas ciências humanas e sociais, na academia, mas fortemente demarcado nos diferentes espaços sociais.

A escrita deste texto ainda não diz tudo o que acreditamos que seja possível, a partir de nossos/as interlocutores/as, mas, certamente, diz muito de nós e permite-nos chamar novamente os conceitos de “experiências-limite” em Foucault (2009) e o de “experiência” em Larrosa (2002), mencionados no início desta produção. Pensar os movimentos de subjetividade, os processos formativos, as relações de gênero e sexualidade e seus entrelaçamentos no ensino superior possibilita-nos um processo que vai muito além do ofício de pesquisadores/as. O movimento empírico torna possível um diálogo potente entre o nosso olhar e o que emerge nos discursos dos/as interlocutores/as de nossas pesquisas, mas a impressão que temos é a de que ele transcende esses escritos. Por diversas vezes, pausamos, desprendemo-nos de nós mesmos, revisitamo-nos. Como nossas produções vêm nos atravessando? Por que não nos olhamos mais como antes? Que modos de subjetivação e dessubjetivação vêm sendo possíveis, marcando nossas experiências? Que ações sobre nós mesmos viemos

potencializando? Qual o resultado dessas ações? Que lugar ocupamos? Como nos entendemos, nos descrevemos, nos manifestamos ou até mesmo nos sentenciamos diante desse processo? São questionamentos constantes, sem respostas prontas, acabadas. São questionamentos que colocam sob suspeita o nosso lugar social, nossa visão de mundo, os modos de ser e estar na sociedade são questionamentos que nos possibilitam problematizar e desestabilizar verdades que, antes, eram estáticas para nós.

Entrelaçamentos finais

Neste texto, procuramos apresentar três diferentes movimentos de pesquisa que se entrelaçam, uma vez que apresentam como foco a problematização acerca de experiências de gêneros e sexualidades em meio ao ensino superior, contribuindo para a produção de subjetividades. Tais movimentos nos colocam a pensar sobre os modos como as instituições e rituais sociais participam da fabricação dos sentidos de quem somos, das formas como nos conduzimos. As experiências vividas nas universidades fazem funcionar diferentes processos de formação, a partir dos quais os sujeitos tomam a si mesmos e aos outros como objeto de problematização. A fluidez desses processos caracteriza as experiências como da ordem do incerto, do conflituoso, do inacabado. Processos, portanto, que não se completam ou se fixam no ensino superior, mas que são ali vividos de modo por vezes diferencial em relação às demais instâncias da sociedade.

Por meio dos trabalhos de investigação aqui apresentados, desejamos apostar em projetos formativos que possibilitem aos sujeitos pensarem os saberes que os constituem, os jogos de poder dos quais fazem parte, os entendimentos e as práticas que organizam a vida social e que participam da construção discursiva de nossas subjetividades de gênero e sexualidade. Sendo assim, com a problematização acerca dos discursos que atravessam as narrativas de experiências elaboradas pelos sujeitos que partilham conosco os movimentos de pesquisa, queremos colocar sob suspeita processos formativos. Sobretudo, buscamos visibilizar espaços-tempos que investem em experiências de problematização de si e do mundo, ou seja, pensar o ensino superior como contexto em que os sujeitos não apenas constroem novos saberes, mas colocam em questão processos de subjetivação, forjados em redes de saber e poder, com os quais chegamos à universidade.

Os três movimentos de pesquisa aqui entrelaçados têm possibilitado encontrar, a partir das narrativas de estudantes em diferentes contextos, brechas e espaços de resistência, nos quais as subjetividades são forjadas em relações de tensão e negociação.

Especialmente quando investimos no argumento de que o ensino superior não se limita ao vivido nas disciplinas de graduação, espaços formativos outros se mostram potentes para o confronto de saberes e projetos formativos: as conversas informais nos corredores, nas cantinas, no transporte público; as interações em movimentos estudantis, de representação discente; as aprendizagens em inúmeros projetos de ensino, de extensão, de pesquisa, os quais, inclusive, possibilitam ir ao encontro de outros sujeitos, outras experiências, para além da universidade, entre outros. Nesses espaços, de forma visível ou sutil e naturalizada, processos constitutivos estão em funcionamento e podem ser colocados sob atenção nas suas possibilidades de problematizar o vivido.

Ao considerar que, quando mudamos o nosso modo de pensar, também transformamos a nossa ação, podemos considerar que o ensino superior pode investir na transformação dos sujeitos, instaurando formas de pensar e agir diferentemente, como nos propõe Foucault (2001). O pensamento, nesse sentido, é o que nos permite manter viva a capacidade de problematizar, é um lugar de liberdade, como uma resistência criativa, como algo nunca pensado. Resistência como descontinuidade, ruptura e modificação dos jogos de forças que nos normatizam, nos fixam a determinadas identidades. O pensamento como resistência, portanto, é atividade que redimensiona as forças que nos constituem na relação com outras forças (FOUCAULT, 1999).

Ao colocarmos a questão das experiências no ensino superior, estamos evocando os elementos que Michel Foucault discute como constitutivos de um processo formativo: o atravessamento entre saberes, relações de poder e formas de subjetividade historicamente instituídas. Porém, menos como um processo de assujeitamento perpétuo, buscando brechas, forjando subjetividades menos normatizadas. Especialmente no caso dos três movimentos de pesquisa aqui entrelaçados, nosso olhar recai sobre processos que dizem dos gêneros e sexualidades. Assim, passamos a dar sentido às nossas existências como sujeitos femininos, masculinos, trans, cis, como gays, lésbicas, bi, hetero, pan e assexuais, como passamos a lidar com nossos corpos e a nos identificar com esses marcadores e como somos interpelados/as para assumir diferentes, e por vezes conflitantes, posições de sujeito generificadas e sexualizadas. Tais processos constituiriam experiências específicas, articuladas com as dinâmicas próprias das instituições de ensino superior.

Referências

ALVES, Lidiane C. Reivindicando o território epistêmico: mulheres negras, indígenas e quilombolas interpelando a antropologia. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 16, p. 82-94, 2019. Disponível em

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1831>. Acesso em: 14 jan. 2021.

ANDRADE, Luma Nogueira. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANDRADE, Sandra dos Santos. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais pós- estruturalistas. In: MEYER, Dagmar. E. E.; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 175- 196.

AMARAL, Julião Gonçalves. Lutas por reconhecimento, desrespeito e universidade: a atuação dos coletivos universitários de diversidade sexual para o enfrentamento à homofobia institucional. **Teoria & Sociedade**, Belo Horizonte, edição 21.2, p. 229-262, jul./dez. 2013. Disponível em:

<http://www.fafich.ufmg.br/revistasociedade/index.php/rts/article/view/90/73>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BENEDETTI, Marcos R. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 144 p.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 1- Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, Licenciatura. 2006. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia**. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

CASTRO, Roney Polato de; EVANGELISTA, Márcio H. S. Problematizando experiências de estudantes LGBTI+ no ensino superior. 6ª Semana de Ciências Sociais da UFJF. **Anais...**Juiz de Fora, 2019, p. 142-162.

CASTRO, Roney Polato de; TEIXEIRA, Jorgeana R. A.; NOGUEIRA, Julia C. M. F. Narrativas de estudantes LGBTI+ do ensino superior sobre processos identitários e sexualidades. In: TAROCCO, Gabrielle B.; FREITAS, Júlia M. S.; SOUZA, Marco

Antônio C. (Org.). XXXV Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2019, p. 576-591.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero - em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea**, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405-427, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/149>. Acesso em: 14 fev. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/flick%20-%20introducao%20a%20pesq%20quali.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad.: M^a Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 9 ed. Trad. M^a Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, Poder-Saber**. Ditos & Escritos IV. 2 ed. MOTA, Manoel Barros da (Org.). Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. Cómo nace un libro-experiencia. In: FOUCAULT, M. **El yo minimalista e otras conversaciones**. Buenos Aires: La marca Editora, 2009. p. 09-17.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: GP&A, 2006. 102 p.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, Dagmar. E. E.; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 65- 87.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Trad. Alfredo Veiga- Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASCIMENTO, Letícia Pereira (Romário Ráwlyson Pereira Nascimento). **Descolonizando sexualidades e currículo na escola: confetos produzidos por jovens da ilha**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

NARDI, Henrique Caetano; MACHADO, Paula Sandrine; MACHADO, Frederico Viana; ZENEVICH, Letícia. O “armário” da universidade: o silêncio institucional e a violência, entre a espetacularização e a vivência cotidiana dos preconceitos sexuais e de gênero. **Teoria & Sociedade**, n. 21.2, jul.-dez. 2013. Disponível em: <http://www.teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/87/71>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na Educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

REIDEL, Marina. **A Pedagogia do Salto Alto: histórias de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SERPA, Andrea. **Quem são os outros na/da avaliação?** Caminhos possíveis para uma prática dialógica. Disponível em: <http://www.andreaserpauuff.com.br/arquivos/disciplinas/alfabetizacao/teseandrea.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2019.

SILVA, Elder Luan dos Santos. **Trajetória, permanência e afiliação de estudantes LGBTs na UFRB: a transformação do estigma em orgulho**. Dissertação (Mestrado – Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2017. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/22676/1/Dep%C3%B3sito_DISSERTA%C3%87%C3%83O_ElderLuan_PPGEISU.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em abril de 2021.